

**HUNTER S. THOMPSON**

**RUM: DIÁRIO DE UM  
JORNALISTA BÊBADO**

*Tradução de DANIEL PELLIZZARI*

[www.lpm.com.br](http://www.lpm.com.br)

**L&PM** POCKET

**OCEANO ATL**

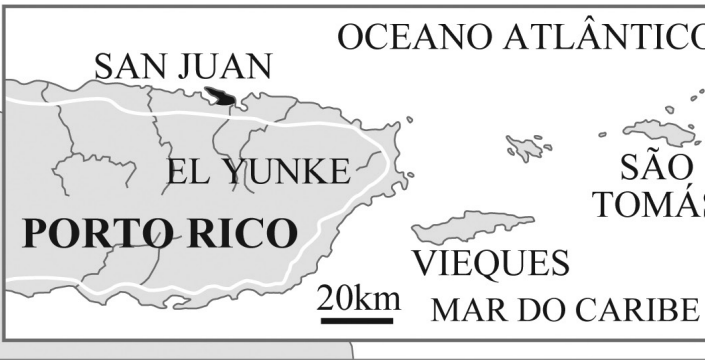


**CANAL SAN AL**



**BAÍA DE  
SAN JUAN**

**OCEANO ATLÂNTICO**



**SAN JUAN**

**EL YUNKE**

**PORTO RICO**

**20km**

**VIEQUES**

**SÃO  
TOMÁS**

**MAR DO CARIBE**

ANTICO

TONIO

SAN JUAN

serva Naval  
te-Americana

e de Leon

Caribé Hilton

Condado  
Avenida Ashford

Lagoa  
Condado

Condado Beach Hotel

Hotel la Coneha

Avenida Ponce de Leon

Santurce

1km



## San Juan, inverno de 1958

**N**o início dos anos 1950, quando San Juan começou a se tornar uma cidade turística, um ex-jóquei chamado Al Arbonito construiu um bar no pátio de sua casa na Calle O’Leary. Batizou o lugar de Quintal do Al e pendurou uma placa na frente da casa, com uma flecha indicando o caminho do pátio entre dois prédios caindo aos pedaços. De início vendia apenas cerveja, por vinte centavos a garrafa, e rum, por dez centavos a dose (com gelo, quinze). Depois de vários meses, começou a vender hambúrgueres que ele mesmo preparava.

Era um lugar agradável para beber, especialmente naquelas manhãs em que o sol ainda não estava muito forte, e a brisa salgada que vinha do oceano emprestava ao ar um odor revigorante e saudável, que por algumas horas conseguia vencer o calor úmido e abafado que toma conta de San Juan por volta do meio-dia e permanece na atmosfera por muito tempo depois que o sol se põe.

Também era bom durante a noite, mas não muito arejado. Às vezes soprava uma brisa leve no bar do Al, graças à sua localização privilegiada – no topo do morro da Calle O’Leary, tão alto que se o pátio tivesse janelas você poderia enxergar a cidade toda. Mas o pátio era cercado por um muro maciço, e tudo o que você conseguia ver era o céu e algumas bananeiras.

Com o passar do tempo, o Al comprou uma nova caixa registradora e em seguida mesas com guarda-sol para o pátio. Acabou tirando sua família da casa na Calle O’Leary, e foram

*morar em uma nova urbanización próxima ao aeroporto. Então contratou um negro enorme chamado Sweep, que lavava os pratos, servia os hambúrgueres e acabou aprendendo a cozinhar.*

*Sua antiga sala de estar foi transformada em um pequeno piano-bar. Ele contratou um pianista de Miami, um sujeito magro e de rosto triste chamado Nelson Otto. O piano ficava a meio caminho entre o lounge e o pátio. Era um velho baby grand, pintado de cinza-claro e coberto com um verniz especial para evitar que o ar salgado arruinasse seu acabamento – e sete noites por semana, por todos os doze meses do interminável verão caribenho, Nelson Otto sentava ao piano para misturar seu suor aos acordes cansados de sua música.*

*O pessoal do Departamento de Turismo costuma falar do frescor dos ventos alísios que afagam as praias de Porto Rico dia e noite, o ano todo – mas Nelson Otto era um homem a quem os ventos alísios nunca pareciam atingir. Hora após hora, em meio ao calor sufocante e a um repertório exaustivo de blues e baladas sentimentais, o suor pingava de seu queixo e encharcava as axilas de suas camisas floridas de algodão. Ele amaldiçoava aquela merda de calor desgraçado com tanta violência e tanto ódio, que às vezes chegava a arruinar a atmosfera do lugar. Quando isso acontecia, as pessoas se levantavam e desciam a rua até o Flamboyant Lounge, onde a garrafa de cerveja custava sessenta centavos, e um filé, três dólares e meio.*

*Quando um ex-comunista chamado Lotterman chegou da Flórida para dar início ao San Juan Daily News, o Quintal do Al tornou-se o ponto de encontro da imprensa de língua inglesa. Nenhum dos vagabundos e idealistas que tinham vindo trabalhar para o novo jornal de Lotterman tinha condições financeiras de frequentar os caríssimos bares em estilo nova-iorquino que pipocavam por toda a cidade como uma epidemia de cogumelos fluorescentes. Os repórteres que trabalhavam de dia iam chegando a partir das sete, e os que*

trabalhavam à noite – o pessoal dos esportes, os revisores e os diagramadores – chegavam em massa por volta da meia-noite. Às vezes alguém aparecia acompanhado, mas em noites normais uma garota no Quintal do Al era uma visão rara e erótica. Não havia muitas garotas brancas em San Juan, e a maioria delas era composta por turistas, trambiqueiras ou aeromoças. Não era de surpreender que preferissem os cassinos ou o bar no terraço do Hilton.

Homens de todos os tipos vieram trabalhar no News: de jovens turcos ensandecidos que queriam partir o mundo ao meio e começar tudo de novo até velhos repórteres medíocres e cansados, com panças de cerveja, que queriam apenas uma chance de terminar seus dias em paz, antes que algum bando de lunáticos partisse o mundo ao meio.

Havia de tudo: de homens honestos e verdadeiramente talentosos a degenerados e perdedores irremediáveis que mal conseguiam escrever um cartão-postal – malucos, fugitivos e bêbados perigosos, um cubano ladrão que carregava uma arma embaixo do sovaco, um mexicano retardado que molestava criancinhas, vigaristas, pederastas e todo tipo de cancos venéreos em forma humana, e a maior parte deles trabalhava por tempo suficiente apenas para conseguir dinheiro para alguns drinques e uma passagem de avião.

Por outro lado, havia gente como Tom Vanderwitz, que mais tarde trabalhou para o Washington Post e ganhou um prêmio Pulitzer. E um homem chamado Tyrrell, agora editor do Times de Londres, que trabalhava quinze horas por dia apenas para impedir que o jornal fosse por água abaixo.

Quando cheguei, o News já existia fazia três anos, e Ed Lotterman estava à beira de um colapso nervoso. Ouvindo-o falar, você imaginaria que Lotterman tinha andado por todos os cantos do planeta, enxergando a si mesmo como uma mistura de Deus, Pulitzer e o Exército de Salvação. Costumava jurar que se todas as pessoas que tinham trabalhado para o jornal naqueles três anos pudessem aparecer de uma só vez diante

do trono do Todo-Poderoso – se todos ficassem ali, contando suas histórias e loucuras, seus crimes e delírios – não haveria dúvida nenhuma de que até mesmo Deus cairia de joelhos e começaria a arrancar os cabelos.

É claro que Lotterman exagerava. Em seu discurso, esquecia de todos os bons sujeitos e falava apenas sobre aqueles que chamava de pingüços. Mas havia vários desses, e o melhor que se poderia dizer daquela equipe é que era bem estranha e descontrolada. Na melhor das hipóteses, não era possível confiar neles e, quando estavam nos dias ruins, não passavam de bêbados imundos. Seria mais fácil confiar em bodes. Mas ainda assim conseguiam produzir um jornal, e quando não estava trabalhando boa parte deles passava o tempo bebendo no Quintal do Al.

Reclamaram e resmungaram quando – no que alguns deles chamaram de acesso de ganância – Al aumentou o preço da cerveja para 25 centavos. Continuaram reclamando até que ele pendurou um cartaz com os preços da cerveja e de outros drinques no Caribé Hilton. Escrito com giz de cera preto, foi colocado atrás do balcão, à vista de todos.

Como o jornal servia de órgão centralizador a todos os repórteres, fotógrafos e trambiqueiros recentemente alfabetizados que iam parar em Porto Rico, Al também ficava com o duvidoso benefício desse negócio. A gaveta de sua máquina registradora vivia cheia de contas não pagas e cartas enviadas de todas as partes do mundo, todas prometendo “acertar aquelas contas num futuro próximo”. Jornalistas errantes são caloteiros notórios, e para aqueles que viajam por este mundo sem raízes, uma conta de bar não paga pode até ser um fardo elegante.

Companhia para beber era o que não faltava naqueles tempos. Os personagens nunca duravam muito tempo, mas sempre apareciam outros. Chamo esses sujeitos de jornalistas errantes porque nenhum outro termo seria igualmente adequado. Nenhum deles era igual ao outro. Eram profissional-

mente aberrantes, mas tinham pouca coisa em comum. Por puro hábito, dependiam principalmente de jornais e revistas como principal fonte de renda. A vida deles estava atrelada a grandes riscos e movimentos súbitos. Não tinham fidelidade a nenhuma bandeira nem valorizavam nada além da sorte e dos bons contatos.

Alguns deles eram mais jornalistas que errantes e outros eram mais errantes que jornalistas, mas, com poucas exceções, eram supostos correspondentes internacionais freelancers de meio período que, por algum motivo, viviam a uma boa distância do establishment jornalístico. Não eram escravos eficientes ou papagaios nacionalistas como aqueles que integravam as equipes dos jornais e revistas conservadores do império Luce<sup>2</sup>. Pertenciam a outra raça.

Porto Rico era um fim de mundo, e a equipe do Daily News era formada principalmente por uma ralé itinerante de temperamento imprevisível. Navegando nas ondas dos boatos e das oportunidades, vagavam pela Europa, pela América Latina e pelo Extremo Oriente. Onde quer que houvesse jornais de língua inglesa, lá estariam eles, pulando de galho em galho, sempre atrás da próxima grande oportunidade, da matéria perfeita, da herdeira milionária ou do trabalho regamente pago que estava à sua espera no destino indicado em sua passagem de avião.

Em certo sentido, eu era um deles – mais competente que alguns e mais estável que outros – e nos anos em que carreguei essa bandeira esfarrapada raramente fiquei desempregado. Cheguei a trabalhar para três jornais ao mesmo tempo. Redigi anúncios para novos cassinos e casas de boliche. Fui consultor dos organizadores das rinhas de galo, um crítico gastronômico terrivelmente corrupto, fotografei regatas e me tornei uma vítima rotineira da brutalidade policial. Era uma

---

2. Henry Luce (1898-1967), fundador da revista *Time* e do império de comunicações Time-Life, que incluía revistas como *Life*, *Fortune* e *Sports Illustrated* e hoje integra o conglomerado AOL/Time Warner. (N.T.)



*vida baseada em ganância, e eu era bom nisso. Fiz algumas amizades interessantes, ganhei dinheiro suficiente para me virar e aprendi muitas coisas sobre o mundo que nunca poderia ter aprendido de outra forma.*

*Como a maioria dos outros, eu procurava alguma coisa, vivia em movimento, nunca estava satisfeito e às vezes me metia nas mais imbecis enrascadas. Nunca ficava parado por tempo suficiente para me dar ao luxo de pensar, mas de algum modo sentia que meus instintos estavam certos. Compartilhava uma espécie difusa de otimismo que dizia que alguns de nós estavam realmente progredindo, que estávamos num caminho honesto, e que os melhores dentre nós inevitavelmente chegariam ao topo.*

*Ao mesmo tempo, nutria suspeitas melancólicas de que a vida que levávamos era uma causa perdida, que não passávamos de atores, enganando a nós mesmos numa odisseia sem sentido. Era a tensão entre esses dois polos – um idealismo incansável e uma sensação de catástrofe iminente – que me dava forças para seguir adiante.*

**M**eu apartamento em Nova York ficava na Perry Street, a uma distância de cinco minutos a pé do White Horse. Eu costumava beber por lá, mas nunca conseguia ser aceito porque não usava gravata. As pessoas importantes não queriam saber de mim.

Bebi um pouco por lá na noite em que fui embora para San Juan. Phil Rollins, que trabalhara comigo, bancava a cerveja. Eu bebia tudo com sofreguidão, tentando ficar suficientemente bêbado para conseguir dormir no avião. Art Millick, o pior motorista de táxi de Nova York, estava lá. Assim como Duke Peterson, que acabara de voltar das Ilhas Virgens Americanas. Lembro que Peterson me deu uma lista de pessoas que deveria procurar quando fosse a São Tomás, mas perdi a lista e nunca cheguei a me encontrar com nenhuma delas.

Era uma noite gelada no meio de janeiro, mas eu usava só um casaco leve. Todo mundo estava com casacos pesados e paletós de flanela. Minha última lembrança é estar de pé sobre as pedras sujas da Hudson Street, apertando a mão de Rollins e amaldiçoando o vento congelante que soprava do rio. Em seguida entrei no táxi de Millick e dormi durante todo o caminho até o aeroporto.

Estava atrasado, e havia uma fila no guichê de reservas. Fiquei atrás de uns quinze porto-riquenhos e de uma loirinha. Tinha certeza de que ela era turista, uma jovem

secretária ensandecida indo até o Caribe para passar duas semanas botando pra quebrar. Tinha um belo corpo mignon, e seu jeito impaciente de esperar indicava uma enorme quantidade de energia acumulada. Comecei a encará-la atentamente, sorrindo, sentindo a cerveja em minhas veias, esperando que ela se virasse e fizéssemos um ligeiro contato visual.

Ela pegou a passagem e começou a caminhar na direção do avião. Ainda restavam três porto-riquenhos na minha frente. Dois deles resolveram sua situação e seguiram adiante, mas o terceiro empacou quando o balconista se recusou a deixar que ele levasse uma enorme caixa de papelão para dentro da aeronave como bagagem de mão. Enquanto discutiam, eu rangia os dentes.

Acabei me metendo. “Ei!”, gritei. “Que diabo é isso? Preciso entrar naquele avião!”

O balconista me olhou, ignorando os gritos do homenzinho à minha frente. “Qual é o seu nome?”

Respondi, ganhei minha passagem e corri até o portão. Quando entrei na aeronave, precisei empurrar cinco ou seis pessoas que aguardavam o embarque. Mostrei minha passagem à aeromoça, que fez cara feia, entrei na aeronave e passei os olhos nas duas fileiras de poltronas.

Não enxerguei nenhuma cabeça loira. Avancei correndo, imaginando que a garota podia ser tão pequena que sua cabeça nem apareceria por cima da poltrona. Mas ela não estava no avião, e àquela altura só restavam duas poltronas duplas. Sentei em uma poltrona do corredor e coloquei minha máquina de escrever na poltrona da janela. Os motores estavam dando a partida quando olhei para fora do avião e avistei a garota na pista de decolagem, acenando para a aeromoça que estava prestes a fechar a porta.

“Espere um pouco!”, gritei. “Falta uma passageira!” Fiquei olhando até a garota chegar ao pé da escada. Nesse ponto, me virei para sorrir assim que ela entrasse. Estendi

a mão na direção da minha máquina de escrever, pensando em colocá-la no chão, quando um velho se meteu na minha frente e sentou na poltrona que eu estava reservando.

“Este lugar está ocupado”, eu disse rapidamente, agarrando o velho pelo braço.

Ele se desvencilhou, rosnou alguma coisa em espanhol e virou a cabeça para a janela.

Agarrei-o novamente. “Levanta”, ordenei, irritado.

O sujeito começou a gritar no instante exato em que a garota entrou e ficou procurando uma poltrona vaga. “Aqui tem uma”, anunciei, dando uma cotovelada no velho. Antes que a garota me visse, a aeromoça apareceu e puxou meu braço.

“Ele sentou na minha máquina de escrever”, expliquei. Impotente, vi a garota encontrar uma poltrona bem longe de mim, na parte da frente do avião.

A aeromoça acariciou o ombro do velho, tranquilizou-o e o fez sentar novamente. “Que tipo de valentão é você?”, ela me perguntou. “Deveria colocar você pra fora!”

Resmunguei, despencando de volta na poltrona. O velho ficou olhando para a frente, sem piscar, até a decolagem. “Seu velho desgraçado”, murmurei.

Ele nem pestanejou. Fechei os olhos e tentei dormir. De vez em quando dava uma olhada naquela cabeça loira na parte da frente do avião, até que desligaram as luzes e não consegui enxergar mais nada.

Quando acordei, já estava amanhecendo. O velho ainda dormia, e me recurvei por cima dele para olhar pela janela. Milhares de metros abaixo de nós estava o oceano, azul-escuro e tranquilo como um lago. Um pouco mais além avistei uma ilha, com seu verde brilhando ao sol da manhã. Era margeada de praias, e seu interior parecia tomado pelo marrom dos manguezais. O avião começou a descer, e a aeromoça anunciou que precisávamos apertar os cintos.

Momentos depois, sobrevoamos incontáveis palmeiras e taxiamos até parar em frente ao maior dos terminais. Decidi ficar na minha poltrona até que a garota passasse, para só então me levantar e caminhar ao seu lado pela pista. Como éramos os únicos brancos do avião, pareceria bem natural.

Enquanto esperavam a aeromoça abrir a porta, os outros se levantavam, davam risadas e falavam bobagens. De repente, o velho levantou de um salto e tentou passar por cima de mim como se fosse um cachorro. Sem pensar, empurrei-o contra a janela, fazendo soar uma pancada que silenciou a multidão. O homem parecia enjoado e tentou novamente passar por cima de mim, gritando histericamente em espanhol.

“Seu velho maluco!”, gritei, empurrando-o novamente com uma das mãos enquanto usava a outra para tentar pegar minha máquina de escrever. A porta já estava aberta, e todos começavam a sair. Quando a garota passou por mim, tentei sorrir para ela, mantendo o velho preso contra a janela até conseguir passar ao corredor. Fazia um escândalo tão grande, gritando e sacudindo os braços, que senti vontade de enforcá-lo com o cinto para ver se conseguia acalmá-lo.

De repente, a aeromoça se aproximou, acompanhada do copiloto, e exigiu que eu explicasse o que pensava estar fazendo.

“Ele está batendo nesse senhor desde que saímos de Nova York”, informou a aeromoça. “Deve ser um sádico.”

Os dois me mantiveram ali por dez minutos, e de início achei que queriam me prender. Tentei me explicar, mas estava tão cansado e confuso que não conseguia controlar nada do que dizia. Quando finalmente me liberaram, deixei o avião de mansinho, como se fosse um criminoso, apertando os olhos e suando sem parar enquanto cruzava a pista rumo à sala de bagagens.

Havia porto-riquenhos por todo lado, mas nenhum sinal da garota. Não tinha mais muita esperança de encon-

trá-la e não estava muito otimista quanto ao que poderia acontecer caso a encontrasse. Poucas garotas veriam com bons olhos um sujeito como eu, um espancador de velhos. Lembrei da expressão em seu rosto quando me viu segurando o velho contra a janela. Era algo difícil de engolir. Decidi tomar café antes de pegar minha bagagem.

O aeroporto de San Juan é um lugar agradável e moderno, cheio de cores brilhantes, gente bronzeada e ritmos latinos retumbando de alto-falantes pendendo das vigas acima do saguão. Subi uma longa rampa, carregando meu sobretudo e minha máquina de escrever em uma das mãos e uma pequena sacola de couro na outra. As placas me levaram a outra rampa e, de lá, para a lanchonete. Enquanto entrava, avistei meu reflexo no espelho. Eu parecia sujo e sem classe, um vagabundo branquelo com olhos vermelhos.

Não só minha aparência era desleixada como eu também fedia a cerveja. Ela permanecia em meu estômago, como um caroço de leite rançoso. Tentei não respirar perto de ninguém ao sentar ao balcão para pedir algumas fatias de abacaxi.

Do lado de fora, a pista de decolagem resplandecia sob o sol da manhã. Mais além, uma densa floresta de palmeiras me separava do oceano. Bem distante, em alto-mar, um veleiro deslizava lentamente pelo horizonte. Fiquei olhando aquilo por tanto tempo que entrei em transe. Tudo parecia muito tranquilo lá fora, tranquilo e quente. Senti vontade de caminhar até as palmeiras e dormir um pouco, comer uns pedaços de abacaxi e ir até o mato para apagar por um tempo.

Em vez disso, pedi mais café e dei outra olhada no telegrama que acompanhava minha passagem de avião. Informava que eu tinha uma reserva em meu nome no Condado Beach Hotel.

Ainda não eram nem sete da manhã, mas a lanchonete estava lotada. Homens sentavam em grupo às mesas

que ladeavam as amplas janelas, bebericando algo com aparência leitosa e conversando vigorosamente. Alguns poucos usavam ternos, mas a maioria estava vestindo o que parecia ser o uniforme daquele dia – óculos escuros de armação grossa, calças escuras e reluzentes, camisas brancas de manga curta e gravatas.

Escutei pedaços das conversas: “... não existe mais nada barato em frente ao mar... sim, cavalheiros, mas isto aqui não é Montego... não se preocupem, ele tem bastante, e tudo que precisamos é... arranjado, mas precisamos ser rápidos antes que Castro e aquela turma comecem...”.

Depois de dez minutos escutando aquelas conversas com certa indiferença, comecei a suspeitar que estava em um covil de vigaristas, de vendedores desonestos. A maioria deles parecia estar esperando pelo voo 730 vindo de Miami, que – pelo que entendi ao escutar as conversas – estaria abarrotado de arquitetos, empreiteiros, consultores e sicilianos, todos fugindo de Cuba.

Aquelas vozes me deixaram furioso. Nunca tive nenhum problema com vigaristas, não tenho nenhuma queixa racional contra eles, mas considero repulsivo o simples ato de vender. Cultivo uma vontade secreta de esmurrar o rosto de um vendedor qualquer, quebrar seus dentes e deixar seus olhos roxos e inchados.

Depois daquelas conversas, não consegui prestar atenção em mais nada. Aquilo destruiu minha sensação de paz e acabou me incomodando tanto, que engoli de uma só vez o resto do meu café e saí dali às pressas.

A sala de bagagens estava vazia. Encontrei minhas duas bolsas de lona e contratei um carregador para levá-las até o táxi. Muito simpático, não parou de sorrir para mim enquanto cruzávamos o saguão, dizendo: “*Sí, Puerto Rico está bueno... ah, sí, muy bueno... mucho ha, ha, sí...*”.

Dentro do táxi, relaxei e acendi um pequeno charuto comprado na lanchonete. Estava me sentindo melhor,

sonolento, aquecido e completamente livre. Vendo as palmeiras passarem e olhando para o sol imenso queimando a estrada, tive um vislumbre de algo que não sentira desde meus primeiros meses na Europa – uma mistura de ignorância com uma certa confiança incerta e despreocupada, do tipo que costuma surgir em um homem quando o vento volta a soprar e ele começa a se mover em linha reta na direção de um horizonte desconhecido.

Acelerávamos por uma autoestrada de quatro pistas. As duas margens da estrada eram ocupadas por um enorme complexo residencial amarelo, rodeado por cercas altas de alambrado. Alguns momentos depois, passamos pelo que parecia ser uma nova região do complexo, cheia de casas idênticas, mas azuis e cor-de-rosa. Havia uma enorme placa na entrada, informando aos viajantes que estavam passando pela *urbanización* El Jippo. A alguns metros da placa havia uma barraquinha feita de folhagem de palmeira e pedaços de lata, com uma placa ao lado, escrita à mão, anunciando *Coco Frío*. Dentro da barraquinha, apoiado no balcão, um garoto de uns treze anos olhava os carros passarem.

**C**hegar meio bêbado em território estrangeiro é um problema para os nervos. Você tem a sensação de que algo está errado, de que está perdendo o controle. Eu me sentia assim e, quando cheguei ao hotel, fui direto para a cama.

Já eram quatro e meia da tarde quando acordei, faminto, imundo e sem muita certeza de onde estava. Fui até a sacada e olhei para a praia. Lá embaixo, uma multidão de mulheres, crianças e homens barrigudos se divertia dentro d'água. À minha direita, outro hotel e depois outro, cada um com sua própria praia lotada.

Tomei um banho e descii até o saguão aberto. Como o restaurante estava fechado, tentei a sorte no bar. Tudo



indicava que fora trazido diretamente de uma estância nas Montanhas Catskills. Fiquei sentado ali por duas horas, bebendo, comendo amendoins e olhando para o mar. Não havia nem doze pessoas naquele lugar. Os homens pareciam mexicanos doentes, com bigodinhos ralos e ternos de seda que brilhavam como se fossem feitos de plástico. A maior parte das mulheres era composta por americanas de aparência frágil, e nenhuma era jovem. Todas usavam vestidos de festa sem mangas, que lhes caíam tão bem quanto sacos de borracha.

Eu me sentia como algo trazido pela maré. Já fazia cinco anos que tinha aquele casaco amassado e puído na gola, minhas calças não tinham vincos e, embora nunca tivesse pensado em usar gravata, estava obviamente deslocado sem uma delas. Para não continuar parecendo um impostor, desisti do rum e pedi uma cerveja. O garçom me olhou de um jeito estranho, e na mesma hora entendi o porquê – nada do que eu vestia brilhava. Aquilo era, sem dúvida, a marca de uma ovelha negra. Para me dar bem por lá, precisaria conseguir algumas roupas cintilantes.

Às seis e meia, deixei o bar e saí do hotel. Já escurecia, e a grande avenida parecia arejada e graciosa. Do lado oposto da rua havia casas que antigamente ficavam de frente para o mar. Agora ficavam de frente para hotéis, e a maioria delas tinha se enfurnado entre cercas vivas e muros que as separavam da rua. Aqui e ali era possível enxergar um pátio ou uma varanda cercada de tela cheia de pessoas sentadas debaixo de ventiladores, bebendo rum. De repente, escutei sinos em algum ponto da rua. Era o badalar sonolento do “Acalanto” de Brahms.

Caminhei mais ou menos um quarteirão, tentando sentir o clima daquele lugar, e os sinos ficaram mais próximos. De repente avistei um furgão de sorvetes avançando lentamente pelo meio da rua. Sobre o furgão havia um picolé gigante, piscando sem parar. A explosão de néon ver-

melho iluminava tudo ao seu redor. De algum lugar de suas entranhas saía a canção do senhor Brahms. Ao passar por mim, o motorista sorriu alegremente e tocou sua buzina.

Chamei um táxi na mesma hora e pedi ao motorista que me levasse ao coração da cidade. A velha San Juan é uma ilhota, ligada à ilha principal por diversas estradas construídas sobre diques. Cruzamos pela estrada que sai de Condado. Dezenas de porto-riquenhos apinhavam as margens da estrada, pescando nas lagoas rasas, e à minha direita havia um enorme vulto com um néon em cima que anunciava o Caribé Hilton. Esta, eu sabia, era a pedra fundamental do grande boom. Conrad surgira como uma espécie de Jesus e foi seguido por todos os peixes. Antes do Hilton não havia nada, mas agora o céu era o limite. Passamos por um estádio deserto e logo chegamos a uma avenida larga e arborizada, ao lado de um despenhadeiro. De um lado ficava a escuridão do Atlântico, e do outro, mais além da cidade estreita, brilhavam as milhares de luzes coloridas dos navios de cruzeiro ancorados na zona portuária. Deixamos a avenida e paramos em um lugar anunciado pelo motorista como Plaza Colón. Como a corrida custou um dólar e trinta centavos, estendi duas notas.

O motorista olhou para o dinheiro e sacudiu a cabeça. “O que houve?”, perguntei.

Encolheu os ombros. “Sem troco, *señor.*”

Enfiei a mão no bolso – nem um centavo. Sabia que ele estava mentindo, mas não estava disposto a me aborrecer apenas para conseguir trocar um dólar. “Ladrão desgraçado”, falei, atirando as notas em seu colo. Ele encolheu os ombros novamente e partiu.

A Plaza Colón servia de eixo para diversas ruazinhas estreitas. Os prédios pareciam amontoados. Tinham dois ou três andares e sacadas que avançavam sobre a rua. O ar estava quente, e a brisa trazia um cheiro sutil de suor e lixo. Das janelas abertas escapava uma cantoria de música e vo-

zes. As calçadas eram tão estreitas que era quase impossível deixar de pisar na sarjeta. Vendedores de frutas bloqueavam as ruas com suas carrocinhas de madeira, vendendo laranjas descascadas por cinco centavos.

Caminhei por trinta minutos, olhando vitrines de lojas que vendiam roupas da “Ivy League”, bisbilhotando bares cheios de putas e marinheiros, desviando de pessoas nas calçadas e temendo desmaiar a qualquer momento se não encontrasse um restaurante.

Acabei desistindo. Parecia não haver restaurantes na Cidade Velha. A única coisa que encontrei se chamava New York Diner e estava fechada. Desesperado, fiz sinal para um táxi e pedi ao motorista que me levasse ao *Daily News*.

O motorista ficou me olhando, sem reação.

“O jornal!”, gritei, batendo a porta depois de entrar.

“Ah, sí”, murmurou. “*El Diario, sí.*”

“Não, diabos”, insisti. “O *Daily News*... o jornal americano... *el News.*”

Como o motorista nunca tinha ouvido falar do *News*, voltamos à Plaza Colón. Coloquei o corpo para fora da janela e perguntei o endereço a um policial. Ele também não sabia, mas acabamos encontrando um homem em um ponto de ônibus que nos disse onde ficava o jornal.

Descemos uma ladeira de paralelepípedos até chegar à zona portuária. Não havia sinal do jornal, e suspeitei que o motorista estivesse me levando até lá para se livrar de mim. Quando viramos uma esquina, ele pisou no freio de repente. Bem à nossa frente, em meio ao que parecia uma briga generalizada, uma multidão aos gritos tentava invadir um prédio velho e esverdeado com jeito de ser um armazém.

“Continue”, pedi ao motorista. “A gente consegue passar.”

Ele resmungou e sacudiu a cabeça.

Esmurrei as costas de seu assento. “Anda logo! Se não se mexer, não vou pagar.”